



21 de outubro de 2016

Contatos:

www.pormassas.org

por@pormassas.org

NESTA EDIÇÃO:

- **Rejeitar o método gângsteril no sindicato!**
- **Em defesa da democracia sindical!**

BUROCRACIA SINDICAL USA SEGURANÇAS CONTRA MANIFESTAÇÃO LEGÍTIMA DO MOVIMENTO DE MULHERES! ABAIXO O MÉTODO GANGSTERIL NO SINDICATO!

Truculência do presidente do sindicato, Cláudio Fonseca, divide a categoria e prejudica o andamento do 27o Congresso do Sinpeem.

A conjuntura é de ataque dos governos aos direitos e salários dos trabalhadores. É de esmagamento da juventude. A crise do capitalismo tem sido descarregada sobre os ombros dos explorados no mundo todo, e no Brasil não é diferente. O PL 257, a PEC 241, as reformas trabalhista e previdenciária são as principais medidas que empurram as massas à barbárie. Já são mais de 12 milhões de desempregados no país.

Para colocar em marcha essas reformas, a burguesia necessita quebrar a resistência dos trabalhadores. A burocratização e a estatização dos sindicatos são os mecanismos pelos quais os interesses da burguesia penetram na classe operária e demais camadas oprimidas. A via da conciliação de classes serve à vitória da classe inimiga.

Nesse sentido, o PT cumpriu e ainda cumpre um papel importante para a burguesia, mesmo após o golpe. O controle que exerce sobre as organizações de massa (CUT, UNE, MST etc.) é fundamental para a manutenção da dominação de classe. Aplica uma política de conciliação com o patronato. Rejeita os métodos próprios da classe operária (democracia sindical e ação direta). As direções não petistas, como a Força Sindical, exercem a mesma função, diferenciando-se pelo alinhamento mais franco com as frações burguesas orgânicas. A direção do Sinpeem, com o presidente ligado ao golpista PPS, se aproxima cada vez mais desse campo.

A truculência e todas as outras deformações que encontramos no Sinpeem, assim, não são manifestações isoladas. Essas práticas abjetas possuem conteúdo. Concretamente, a direção, representada por Fonseca, não podia permitir um congresso livre, com ampla participação das bases. Pois estas expressariam, mesmo que instintivamente, uma política de choque com as medidas antipopulares dos governos. Mais precisamente, contra o futuro governo Dória/PSDB. Cláudio se aliou ao Dória nessas eleições, ajudou a elegê-lo, comporá a base parlamentar do prefeito.

A manifestação de mulheres na segunda plenária (20/10) expressava esse conflito. A categoria é majoritariamente feminina. Os ataques dos capitalistas atingirão a todos. Agudizarão, contudo, as manifestações particulares da opressão de classe que recaem sobre as companheiras professoras, do quadro de apoio e gestoras. Daí o grito coletivo de protesto ser absolutamente legítimo. Eram trabalhadoras que queriam demonstrar sua insatisfação e que foram impedidas de falar.

O que aconteceu, efetivamente? Parte do plenário não pôde ouvir o que as camaradas estavam propondo. A mesa não abriu o microfone para que se dirigissem aos delegados. Por essa razão, muitos só viram o que ocorreu como uma ação intempestiva da oposição. Mas não foi isso.

O pedido era de uma questão de ordem. A mesa acabara de encerrar a votação do plano de lutas e passaria à parte da política educacional. As companheiras queriam votar uma moção antes. Era direito delas. As pessoas podiam discordar. A divergência quanto ao encaminhamento seria decidida pelo voto. É assim que se procede quando a democracia operária é respeitada.

Fonseca preferiu não permitir que elas apresentassem a questão de ordem, optou por "adivinhar" o seu conteúdo e colocar em votação sem defesa. É extremamente importante frisar que esse comportamento é frequente por parte dessa direção.

Sentindo-se profundamente desrespeitadas, subiram ao palco com seus cartazes para manifestar sua indignação. Os seguranças (bate-paus a serviço da burocracia sindical) partiram pra cima delas. Imediatamente, outros companheiros saíram em socorro daquelas. A confusão se estabeleceu. Fonseca se fez de vítima, jogando o plenário contra a manifestação. Acusou a oposição de dividir a categoria e prejudicar o andamento do congresso.

Mas quem constantemente é vítima da desqualificação, do deboche e da truculência dessa direção são aqueles que dela discordam. Quem divide a categoria, deformando a democracia operária e servindo de correia de transmissão dos interesses da burguesia é a direção majoritária. Quem prejudica o andamento dos congressos é a mesma burocracia sindical, que limita ao máximo os momentos de discussão e deliberação, mantendo uma estrutura congressual festiva e despolitizada.

Quem lamenta a forma violenta como se deu o desenlace da divergência, dizendo que houve equívocos dos dois lados, comete uma falha: coloca no mesmo patamar a truculência da mesa e a ação direta do grupo de companheiras. A violência do Cláudio objetivava cercear a liberdade de crítica. A ocupação do palco tinha o intuito de preservar o mesmo direito. É justo igualar essas ações? Evidentemente não.

Chamamos a categoria a rejeitar o método típico de gângsteres aplicados na tarde do dia 20/10 pela direção majoritária. Os trabalhadores da educação municipal precisam fazer um balanço do que ocorreu. Para isso deve ser convocada uma assembleia, a qual necessariamente terá de encaminhar o plano de lutas aprovado no congresso.

**Abaixo as reformas burguesas!
Viva a democracia operária!**